



## **A INTIMIDADE ESCANCARADA NA REDE: *BLOGS E WEBCAMS* SUBVERTEM A OPOSIÇÃO PÚBLICO/PRIVADO**

**Paula Sibilía**

Doutoranda em Comunicação e Cultura (ECO / UFRJ)

### **Introdução**

Este artigo aborda a confluência aparentemente paradoxal de duas tendências contemporâneas: por um lado, a crescente **ênfase biográfica** que permeia o mundo ocidental (com sua voracidade pelas confissões e por tudo que remeta a “vidas reais”) e, paralelamente, um certo declínio da **interioridade psicológica** que caracterizou a subjetividade moderna desde seus primórdios. Para ancorar tal discussão, escolhemos como objeto de estudo duas práticas que parecem sintomáticas desses processos pois exprimem tal paradoxo: as *webcams* e os diários pessoais publicados na Internet, uma modalidade de “escrita íntima” ou de narração auto-referente conhecida como *weblogs* ou, simplesmente, *blogs*.

Antes de mergulhar nessa problemática de candente atualidade, porém, torna-se necessário percorrer brevemente a genealogia dos dois fatores aqui considerados – tanto as “narrativas do eu” como a crença numa “vida interior” –, localizando a sua germinação conjunta nos alvares dos tempos modernos. Depois de reconstruir a historicidade desse campo contextual, procuraremos vislumbrar a especificidade de suas reverberações atuais, focalizando as fortes transformações que estão afetando a subjetividade contemporânea e que não cessam de reconfigurar a paisagem do mundo.

### **A invenção da intimidade**

A separação entre os âmbitos público e privado da existência é uma invenção histórica e datada, uma convenção que em outras culturas inexistente ou é configurada diferentemente. É, inclusive, bastante recente: a esfera da privacidade só ganhou consistência na Europa dos séculos XVIII e XIX, quando um certo espaço de “refúgio” para o indivíduo e a família

começou a ser criado no mundo burguês, almejando um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público que começava a adquirir um tom cada vez mais ameaçante. Em seu livro *O declínio do homem público*, Richard Sennett analisa esse processo de esvaziamento e estigmatização da vida pública, e o surgimento concomitante das “tirantias da intimidade”. Uma dupla tendência que, de acordo com o sociólogo norte-americano, obedeceu a interesses políticos e econômicos específicos do capitalismo industrial.

Assim, pois, como mostra Witold Rybczynski ao reconstruir a história da casa, a idéia de intimidade não existia na Idade Média. A necessidade e a valorização de um certo espaço “íntimo” foram surgindo e se constituindo ao longo dos últimos três séculos da história ocidental. Foi, precisamente, com a paulatina aparição de um “mundo interno” do indivíduo, do eu e da família, que as pessoas começaram a considerar o lar como um contexto adequado para acolher essa vida interior que começava a desabrochar. Desse modo, as casas foram se tornando lugares *privados* e, como explica o historiador, “junto com essa privatização do lar surgiu um sentido cada vez maior de intimidade, de identificar a casa exclusivamente com a vida familiar”. Em muitos desses lares começaram a se definir funções específicas e fixas para os diversos cômodos, aparecendo inclusive os *cabinet*, “um quarto mais íntimo para atividades privadas como a escrita”.<sup>1</sup> Outro historiador, o inglês Peter Gay, comenta a importância que começou a ganhar um “sonho de consumo” do século XIX: a possibilidade de se ter “um quarto próprio”,<sup>1</sup> no qual o mundo interior do morador podia se expressar – dentre outras formas através da escrita – e ficar à vontade. Pois, em contraposição aos rituais hostis da vida pública, o lar foi se transformando no território da autenticidade e da verdade, um refúgio onde era permitido ser “si mesmo”. A solidão, que tinha sido um estado raro na Idade Média, permitia o desdobramento de uma série de prazeres até então inéditos, a resguardo dos olhares intrusos e sob o império austero do decoro burguês.

Dessa maneira, na alvorada da Modernidade foram se configurando dois campos claramente delimitados: o **espaço público** e o **espaço privado**, cada um com suas funções e seus códigos próprios. Os escritos íntimos de Ludwig Wittgenstein oferecem um exemplo particularmente interessante dessa delimitação rígida e precisa, pois seus *Diários secretos* (publicados de maneira póstuma, contrariando a vontade explícita do autor) replicam claramente tal cisão: nas páginas ímpares, o filósofo vertia suas vivências pessoais numa

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



linguagem codificada, enquanto nas páginas pares anotava seus pensamentos públicos em perfeito e claríssimo alemão.

### **Criar um eu no papel**

Os novos ambientes íntimos e privados que começaram a proliferar três séculos atrás eram um verdadeiro convite à introspecção: nesses espaços impregnados de solidão, o sujeito moderno podia mergulhar na sua obscura vida interior, embarcando em fascinantes viagens auto-exploratórias que, muitas vezes, eram vertidas no papel. Como constatam Alain Corbin e Michelle Perrot na passagem da *História da vida privada* relativa a esta época de intenso “deciframento de si”, o “furor de escrever” tomou conta de homens, mulheres e crianças, imbuídos tanto pelo espírito iluminista de conhecimento racional como pelo ímpeto romântico de mergulho nos mistérios mais insondáveis da alma.<sup>1</sup> A **escrita de si** tornou-se uma prática habitual, dando à luz todo tipo de textos introspectivos nos quais a auto-reflexão se voltava não tanto para a busca de um certo “universal” do Homem, mas para a sondagem da natureza fragmentária e contingente da condição humana, plasmada na particularidade de cada experiência individual. Inaugurada com grande estilo nos *Ensaio*s de Michel de Montaigne e confirmada, depois, nas paradigmáticas *Confissões* de Jean Jacques Rousseau, a nova modalidade foi fazendo da literatura um imenso laboratório “no qual as formas subjetivas modernas ganharam contorno e visibilidade”, como expressa a psicanalista Maria Rita Khel em um artigo intitulado “Nós, sujeitos literários”.

A escrita do diário íntimo e o intercâmbio de cartas foram atividades burguesas por excelência, que se desenvolveram rapidamente e floresceram no século XIX. Por isso, os romances psicológicos – também fundamentais na construção do imaginário da época – não vampirizaram apenas a forma epistolar mas também a da confissão íntima e cotidiana, a fim de construir uma rica série de estratégias literárias de autenticidade e verossimilhança. Assim, uma infinidade de personagens foi desbordando das páginas dos romances para influenciar fortemente as subjetividades da época: de Emma Bovary ao jovem Törless, a escrita literária virou um campo de identificações, uma fonte de roteiros de subjetivação para os indivíduos modernos. Foi germinando, desse modo, uma forma subjetiva particular, dotada de uma certa “interioridade psicológica”, na qual fermentavam atributos e sentimentos privados. O

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

repertório afetivo dessa esfera íntima podia e devia ser valorizado, sondado, cultivado, protegido e enriquecido. Como afirma o psicanalista Benilton Bezerra Jr., “o *homo psychologicus* aprendeu a organizar sua experiência em torno de um eixo situado no centro de sua vida interior”.<sup>1</sup>

Nos diversos gêneros da escrita íntima, os sujeitos modernos aprenderam a modelar a própria subjetividade através desse mergulho introspectivo, dessa hermenêutica incessante de si mesmo: no papel, a partir da matéria caótica e da experiência fragmentária da vida, era preciso narrar uma história e **criar um eu**. Nessa atividade criativa, bem como em qualquer outra modalidade de construção de si, sabe-se, a linguagem é o berço do sujeito, que somente pode se constituir como tal a partir da interação com os outros e da sua inserção em um universo simbólico compartilhado através do equipamento lingüístico. “Eu é um outro”, reza a famosa frase de Rimbaud, que define perfeitamente os protagonistas dos relatos autobiográficos e, também, a qualidade sempre fictícia do eu.

Embora seja difícil arriscar definições precisas, contudo, até hoje persiste a diferenciação entre as narrativas de ficção e aquelas que se apóiam na garantia de uma existência “real”, inscrevendo tais práticas em outro regime de verdade e suscitando um horizonte de expectativas diferenciado, apesar da sofisticação das artimanhas retóricas acumuladas, apesar dos séculos de treinamento dos leitores, e apesar dos abalos sofridos pela crença numa identidade fixa e estável. A definição mais usual pertence ao crítico francês Philippe Lejeune, que propôs a noção de “pacto autobiográfico” para diferenciar tais gêneros, desconsiderando as eventuais características próprias desse tipo de textos (em virtude das coincidências formais com o romance autobiográfico e com outros escritos de ficção, por exemplo) para localizar a sua especificidade em um contrato de leitura peculiar, que presume a crença – por parte do leitor – na identidade coincidente do autor e do protagonista do texto.<sup>1</sup>

Em tempos de incertezas, curiosamente, a mítica singularidade do eu conserva a sua força – nutrida por uma cultura do individualismo cada vez mais depurada, embora atravessada pelos sedutores ditados identitários do mercado – e não cessa de convocar os mais sedentos olhares. Cabe lembrar que os relatos autobiográficos, especialmente as diversas formas do diário íntimo, tiveram a sua morte anunciada e confirmada efusivamente nas últimas décadas do século XX, sem que ninguém previsse seu repentino ressurgimento nos novíssimos ambientes virtuais e globais das redes eletrônicas.<sup>1</sup> Resta saber, entretanto, se os

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



sentidos dessas práticas continuam a serem idênticos aos de seus ancestrais pré-digitais; a fim de indagar tais questões, orientaremos o foco da análise para o contexto contemporâneo.

### **O imperativo da visibilidade**

Uma vez lembrados os percursos que delinearão o fortaleceram o “mito do eu” como protagonista dos relatos autobiográficos ao longo dos últimos séculos no mundo ocidental, cabe perguntar: o que está acontecendo hoje em dia nessas arenas? Cada vez mais, a mídia reconhece e explora o forte apelo implícito no fato de que aquilo que se diz e se mostra é um testemunho vivencial: a ancoragem na “vida real” torna-se irresistível, mesmo que tal vida seja absolutamente banal – ou, talvez, especialmente se ela for banal. Do mesmo modo, na Internet, pessoas desconhecidas costumam acompanhar com fruicão o relato minucioso de uma vida qualquer, com todas as suas peripécias registradas pelo próprio protagonista enquanto elas vão ocorrendo, dia após dia, de hora em hora, minuto a minuto, com o imediatismo do tempo real, por meio de torrentes de palavras que de maneira instantânea podem aparecer nas telas de todos os cantos do planeta – textos que, muitas vezes, são complementados com fotografias e, inclusive, com imagens de vídeo transmitidas ao vivo e sem interrupção. Desdobra-se, assim, nas telas interconectadas pelas redes digitais, todo o fascínio e toda a irrelevância de “a vida como ela é”.

É grande a tentação de compreender essas novas modalidades de auto-reflexão, de expressão e de comunicação escrita (ou hipermídia) em torno do eu como um ressurgimento da antiga prática introspectiva de exploração e de conhecimento de si, porém adaptada ao contexto contemporâneo e aproveitando as possibilidades que as novas tecnologias oferecem. Dentre elas, a de que qualquer pessoa possa publicar o que quiser, concedendo aos diários íntimos contemporâneos uma projeção que seus ancestrais pré-digitais jamais poderiam conseguir – embora na maioria dos casos estes nem almejarão atingi-la, pois tais textos cresciam envolvidos na mística do secreto e eram tratados como cartas dirigidas ao remetente e somente a ele, de acordo com a célebre e feliz expressão de Jürgen Habermas. Numa operação semelhante à anterior, então, os seguidores dos *blogs* e os fãs das *webcams* poderiam ser comparados aos leitores ávidos de antanho, que se identificavam com os personagens literários e construíam suas subjetividades a partir desses jogos de espelhos. Os

computadores e as redes digitais surgiriam, assim, como mais um cenário para a colocação em prática da antiga “técnica da confissão”, essa modalidade de construção da verdade sobre os sujeitos que há séculos vigora em Ocidente e cuja genealogia fora traçada por Michel Foucault em seu livro *A vontade de saber*. É, sem dúvida, uma explicação possível.

Consideramos que se trata, no entanto, de um fenômeno muito complexo e rico, cuja diversidade já é deslumbrante, que se apresenta também como uma inovadora prática comunicativa e de criação intersubjetiva, e que sem dúvida merece um estudo aprofundado que vise a compreendê-lo de maneira ampla e detalhada.<sup>1</sup> Neste artigo, porém, iremos focalizar apenas um de seus traços, por considerá-lo significativo para captar seu sentido como uma prática cultural característica da nossa época: a sua peculiar inscrição na fronteira entre o extremamente íntimo e o absolutamente público. Como explicar o curioso fato de que as novas modalidades de diários “íntimos” sejam expostas aos milhões de olhos que têm acesso à Internet? A lente incansável de uma *webcam*, por exemplo, que registra permanentemente cada detalhe de uma vida particular, nada mais é do que um *upgrade* tecnológico do velho costume de anotar toda a minúcia cotidiana em um caderninho de folhas amareladas? Essa exposição pública é apenas um detalhe sem importância das novas práticas, que deixa intactas as características fundamentais dos antigos diários íntimos? Ou se trata, pelo contrário, de algo radicalmente novo?

Neste ponto do caminho, duas atitudes intelectuais se apresentam como possíveis: escolher a tese da continuidade e demonstrar que as novas modalidades “nada mais são” do que simples adaptações contemporâneas das velhas práticas; ou, então, sublinhar a descontinuidade e tentar desvelar a especificidade das novas formas, de modo a captar tudo o que elas trazem de novo e a perceber as implicações de sua introdução na presente formação histórica. Esta segunda estratégia parece a mais promissora e instigante. Não carece de interesse, porém, a comparação com as modalidades que podem ser consideradas seus “ancestrais”, de algum modo, pois elas proporcionam um pano de fundo contra o qual é mais fácil enxergar as inovações. Embora alguns hábitos pareçam sobreviver ao longo de períodos históricos diversos, ganhando certa auréola de eternidade, convém ao pesquisador se manter alerta e desconfiar dessas permanências: muitas vezes, as práticas persistem mas seus sentidos mudam, como alertou Foucault ao sentar as bases do método genealógico de pesquisa histórico-filosófica. Do contrário, corre-se o perigo de naturalizar aquilo que é uma mera

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



invenção, perdendo a ocasião de compreender toda a riqueza da sua especificidade histórica e do seu sentido na formação social particular que a acolhe.

Sustentaremos aqui, então, que o fato dos novos diários íntimos serem publicados na Internet não é um detalhe menor, pois o principal objetivo de tais estilizações do eu parece ser, precisamente, a **visibilidade** – em perfeita sintonia, aliás, com outros fenômenos contemporâneos que se propõem a escancarar a minúcia mais “privada” de todas as vidas ou de uma vida qualquer: dos *reality-show* decalcados no modelo *Big Brother* às revistas no estilo *Caras*, dos programas de TV que se inscrevem na linhagem do *Ratinho livre* à proliferação de documentários em primeira pessoa, do sucesso editorial das biografias à crescente importância da imagem nos políticos e em outras figuras públicas, etc. Nada mais *privado*, porém, vale lembrar, que um diário íntimo à moda antiga. Estes eram furtados à curiosidade alheia, guardados em gavetas e esconderijos secretos, muitas vezes protegidos por meio de chaves e senhas ocultas – chegando a se converter, inclusive, em práticas seriamente proibidas e perseguidas por maridos e pais. Enquanto isso, o universo dos computadores e da Internet, essa autêntica “rede de intrigas” cheia de “pontos de fuga”, não parece propício à preservação do segredo.

Todas essas tendências atuais de exposição da intimidade vão ao encontro e prometem satisfazer uma vontade geral do público: a afeição de bisbilhotar e “consumir” vidas alheias. Nesse contexto, os muros que costumavam proteger a privacidade individual sofrem sérios abalos; cada vez mais, essas paredes outrora sólidas são infiltradas por olhares tecnicamente mediados que flexibilizam e alargam os limites do dizível e do mostrável. Como entender tais processos? Podemos dizer, simplesmente, que hoje o **privado** se torna **público**? A resposta intui-se mais complexa, sugerindo uma imbricação e interpenetração de ambos os espaços (capaz de reconfigurá-los até tornar obsoleta a distinção) e um certo declínio da interioridade que costumava definir o *homo psychologicus*, em proveito de outras construções identitárias baseadas em novos regimes de constituição das imagens do corpo e do eu. Por tal motivo, as tentativas de explicação que aludem a um mero aprofundamento quantitativo do narcisismo e do voyeurismo, por exemplo, também são insuficientes; tratar-se-ia, pelo contrário, de expressões de uma mutação mais radical na subjetividade contemporânea.



## O declínio da interioridade

Acompanhando as mudanças que estão acontecendo em todos os âmbitos – marcados pela aceleração, a virtualização, a globalização, a digitalização – as narrativas do eu também atravessam profundas transformações. Hoje é possível detectar, por exemplo, uma certa queda da psicanálise tradicional, respondendo à expansão das explicações biológicas do comportamento físico e da vida psíquica. Estaríamos vivenciando, então, um paulatino desbalanceamento na organização subjetiva, uma passagem do mundo abissal dos sentimentos e do conflito inerente ao sentido trágico da vida (com seu tecido de regras interiorizadas, transgressões e desejos reprimidos), para uma preeminência da sensorialidade e da visibilidade instantânea, da lógica do impacto nervoso e efêmero, do imperativo do gozo constante e do sucesso, da fruição do consumo imediatista, do bem-estar tecnicamente controlado, da performance eficaz no curto prazo, das identidades descartáveis e da gestão empresarial dos capitais vitais.

Como explica, novamente, Benilton Bezerra Jr.: “Se na cultura do psicológico e da intimidade o sofrimento era experimentado como conflito interior, ou como choque entre aspirações e desejos reprimidos e as regras rígidas das convenções sociais, hoje o quadro é outro: na cultura das sensações e do espetáculo, o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental que falha, muito mais do que numa interioridade enigmática que causa estranheza”.<sup>1</sup> O fenômeno dos diários publicados na Web, com toda a sua parafernália de confissões multimídia e, especialmente, as *webcams* que transmitem “cenas da vida privada” ao vivo durante as 24 horas do dia, fornecem um prisma privilegiado para examinar este desvanecimento dessa interioridade clássica e as novas tendências exibicionistas e performáticas que alimentam os atuais processos de identificação.

Os novos mecanismos de construção e consumo identitário encenam uma espetacularização do eu que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobre tudo, ao cobiçado fato de “ser visto”. Não parece se tratar, portanto, de uma introspecção à moda antiga, ou seja: uma sondagem absolutamente privada nas profundezas enigmáticas do eu com objetivos de conhecimento de si, dos outros, da vida e do mundo. Mais do que uma carta remetida a si mesmo, fundamentalmente secreta e introspectiva, então, os “diários íntimos” da Internet constituem verdadeiras cartas-abertas com vocação exteriorizante.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Longe de qualquer nostalgia por um modelo subjetivo que marcou uma época e caracterizou uma determinada formação histórica, com seus méritos e suas muitas tiranias, a intenção deste artigo é chamar a atenção para certas mutações em curso, reivindicando a atualidade da pergunta pelo sentido e, também, a relevância do prisma político para enxergar tudo quanto ocorre ao nosso redor. Ao esfacelar as dicotomias que delineavam um mundo exterior hostil e perfeitamente diferenciado dos refúgios privados para eu e a família, as novas práticas comunicativas que florescem nos cenários digitais podem inaugurar interessantes trocas intersubjetivas. Do mesmo modo, nesses cenários podem fermentar – e provavelmente já estejam fermentando – outras formas de subjetivação. O fenômeno conhecido como “crise das identidades” foi largamente denunciado nos últimos anos como um “mal de época”; entretanto, o esmaecimento de um sentido de identidade que outrora parecia fixo e estável não é, necessariamente, uma má notícia. Certas frestas promissoras podem se abrir nessa desestruturação do recalcado eu ocidental, e a Internet se apresenta como uma arena especialmente propícia para a emergência de novas configurações. O estímulo permanente do mercado na conformação de subjetividades descartáveis, porém, não parece estimular a criação de territórios existenciais realmente inovadores e formas menos *sujeitadas* de ser. Pois, como explica Suely Rolnik em seu instigante artigo “Toxicômanos de identidade”, a dinâmica do capitalismo contemporâneo detém uma ferocidade inusitada, e uma capacidade jamais vista de capturar, copiar e vender “modos de ser” que ficam rapidamente obsoletos e, como tais, após serem consumidos devem ser descartados e substituídos a toda velocidade por outros, sempre desenhados sob o imperativo do gozo constante, da fruição e do sucesso eminentemente **visíveis**.

Se no século XIX, em plena efervescência dos diários, das cartas, dos romances e dos folhetins, tinha-se a sensação de que tudo existia para ser contado em um livro – para lembrar a célebre expressão de Stéphane Mallarmé –, hoje a impressão é de que só acontece aquilo que é exibido em uma tela. Contudo, como vimos, as diferenças não são apenas sutis, ou concernentes a meras atualizações de suportes tecnológicos: o meio é a mensagem, sabe-se, e além disso o mundo mudou e continua a mudar. Nesse sentido, a liberação do pólo da emissão possibilitada por meios eletrônicos como a Internet, que permite a “qualquer um” ser visto, lido e ouvido por milhões de pessoas – mesmo que não tenha nada específico a dizer – talvez esteja dando conta dessa falta de sentido que marca as experiências subjetivas

contemporâneas: uma carência que consegue dotar de valor ao mero fato de se exhibir, de ser visível mesmo que seja na fugacidade de um instante de luz virtual. Como o jovem protagonista do filme de Todd Solondz, *Storytelling*, para quem a única possibilidade de fugir da abulia em que se encontrava imerso era a excitante promessa de “ser famoso” e “aparecer na TV”, sem importar e sem poder sequer imaginar uma razão ou um sentido para essa visibilidade.

Os “quinze minutos de fama” previstos por Andy Warhol como um direito de qualquer mortal na era midiática, exprimem uma intuição visionária porém ainda atrelada a outro paradigma: aquele dominado pela televisão e pelos meios de comunicação de massa no esquema *broadcasting*. É possível arriscar, então, que as redes informáticas estariam cumprindo – do seu jeito e, talvez, de um modo mais radical do que aquele previsto por Warhol – essa promessa que a TV não pôde satisfazer. No entanto, o resultado de tamanha conquista pode ser desapontador, como constata André Lemos em seu artigo sobre o tema:

A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. E não se trata de nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura. A vida privada, revelada pelas *webcams* e diários pessoais, é transformada em um espetáculo para olhos curiosos, e este espetáculo é a vida vivida na sua banalidade radical. A máxima é: “*minha vida é como a sua, logo tranquilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano*”.<sup>1</sup>

Vale lembrar que essa tranquilidade conformista, porém, que reconhece na banalidade da vida alheia a própria mediocridade e, com isso, apazigua toda incômoda inquietação e permite “suportar melhor a existência”, nem sempre foi um valor incontestável. O forte interesse que essas histórias pequenas conseguem despertar, o raro fascínio desses micro-relatos vivenciais, talvez seja a outra face de um fenômeno bem debatido em anos recentes: a decadência dos grandes relatos que organizavam a vida moderna, tanto em nível coletivo como individual, e a queda do peso inerte das figuras ilustres e exemplares plasmadas nos relatos biográficos canônicos. Por isso, convém não esquecer que se trata de uma questão fortemente política, que contradiz de modo fragante outras propostas históricas às quais parece homenagear: basta lembrar que a bandeira da “vida como obra de arte”, por exemplo, fora levantada de maneira inflamada e entusiasta pelas vanguardas estéticas e por certas

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



correntes filosóficas que marcaram a Modernidade, em luta ativa contra a banalidade da vida cotidiana e contra o conformismo da “sensibilidade burguesa”, e em prol da criação de novas formas de ser e de novos mundos para sermos. Parece evidente, entretanto, que tais modos de subjetivação e tais vontades políticas pertencem a outras épocas, tempos idos que instavam à escrita minuciosa de diários íntimos na solidão do “quarto próprio” e ao estabelecimento de densos diálogos epistolares, alimentados pela distância e pelos ritmos cadenciados de outrora. Textos íntimos, enfim, nos quais as interioridades dos autores eram pacientemente vertidas, zelosamente cultivadas e, também, pudicamente protegidas. Apesar de seu evidente parentesco com tais práticas, porém, os *blogs* e as *webcams* que hoje inundam a Internet assinalam outros processos e inauguram outras tendências, revelando a emergência de novos modos de ser.<sup>Z</sup>

### Referências bibliográficas

- ARAÚJO SCHITTINE, Denise. *Blogs: Comunicação e escrita íntima na Internet*. Dissertação de Mestrado. ECO/UFRJ, 12/09/02.
- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: FCE, 2002.
- BEZERRA Jr., Benilton. O ocaso da interioridade. In: PLASTINO, C. A. (org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- BRUSS, Elizabeth. *Autobiographical Acts: The Changing Situation of a Literary Genre*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1976.
- CORBIN, Alain; PERROT, Michelle. El secreto del individuo. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *Historia de la vida privada*, v. 8: “Sociedad burguesa: aspectos concretos de la vida privada”. Madri: Taurus, 1991. p. 121 a 203.
- CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. *Historia de la lectura en el mundo occidental*. Madri: Taurus, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del yo*. México: Paidós, 1990.
- GAY, Peter. Fortificación para el yo. In: *La experiencia burguesa, de Victoria a Freud*, v. 1: “La educación de los sentidos”. México: FCE, 1992. p. 374 a 426.
- GOETHE, J. W. *Las tribulaciones del joven Werther*. México: Editorial Porrúa, 1985.



- JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface*: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- KHEL, Maria Rita. “Nós, sujeitos literários” in *Textura: Revista de Psicanálise*. Ano I, N. 1. São Paulo: Reuniões Psicanalíticas, 2001.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- LEJEUNE, Philippe. *Chér écran: Journal personnel, ordinateur, Internet*. Paris: Seuil, 2000.
- LEMONS, André. A arte da vida: diários pessoais e *webcams* na Internet. XI COMPÓS. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2002.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Brasília: UNB, 1987.
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (org.). *Cadernos de Subjetividade*. Campinas: Papyrus, 1997.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Las confesiones*. Madri: Alianza, 1997.
- RYBCZYNSKI, Witold. Lo íntimo y lo privado; La domesticidad. In: *La casa*. Historia de una idea. Buenos Aires: Emece, 1991.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: Tirantias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- TAYLOR, Charles. *Fuentes del yo*. Barcelona: Paidós, 1996.
- WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço, de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- WHITAKER, Reg. *El fin de la privacidad: Como la vigilancia total se está convirtiendo en realidad*. Barcelona: Paidós, 1999.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Diários secretos*. Madrid: Aliança, 1991.